

A RELAÇÃO ENTRE LITERATURA, HISTÓRIA E IMAGINÁRIO NO ROMANCE PEDRAS DE FOGO DE EDIVALDO RODRIGUES

THE RELATIONSHIP BETWEEN LITERATURE, HISTORY AND IMAGINARY IN THE ROMANCE STONES OF FIRE BY EDIVALDO RODRIGUES

Domingos Lopes da Costa ¹

Resumo: O presente artigo tem como propósito discutir a relação entre Literatura, História e imaginário no romance *Pedras de Fogo* de Eivaldo Rodrigues. Buscaremos traçar uma trajetória dessas duas áreas distintas para perceber quais são as nuances que envolvem as duas, historicamente. No passado, havia narrativa que considerava a Literatura e a História como ramos de conhecimento similares. Atualmente, ambas se encontram numa querela que envolve essa aproximação e, ao mesmo tempo, o distanciamento. Os que defendem a distinção dessas áreas consideram a História como uma ciência que investiga o fato, e a Literatura como campo de liberdade criativa e ficcional. Os que defendem sua aproximação consideram que em alguns casos, a Literatura pode servir como fonte documental para uma investigação histórica. O Intuito é verificar que relação o referido romance estabelece com essas duas áreas (aproximação ou distanciamento). Ainda observaremos no referido romance, a forma como a narrativa atua, transversalmente, entre factual e ficcional, pois o romance *Pedras de Fogo* é uma obra que retrata a construção da Catedral Nossa Senhora das Mercês de Porto Nacional, isto é, um acontecimento/fato histórico narrado de forma ficcional.

Palavras-chave: Literatura. História. Imaginário. Romance.

Abstract: This article aims to discuss the relationship between Literature, History, and imagination in the novel *Pedras de Fogo* by Eivaldo Rodrigues. We will seek to trace a trajectory of these two distinct areas to understand which nuances historically involve the two. In the past, there is a narrative that considered Literature and History as similar branches of knowledge nowadays. Both are in a quarrel that involves this approach and the same time distance. Those who defend the distinction of these areas consider history as a science that investigates the fact and Literature as a field of creative and fictional freedom. Those who think approximation of these areas that some Literature cases can serve as a documentary source for a historical investigation. It is to verify what relationship the novel establishes with these two areas (approximation or distance). We will still observe in the referred to drama, the way narrative acts transversally between factual and fictional since the novel *Pedras de Fogo* is a work that portrays the construction of the Nossa Senhora das Mercês Cathedral in Porto Nacional, that is, a historical event/fact narrated by fictional form.

Keywords: Literature. History. Imagination. Romance.

Introdução

A obra *Pedras de Fogo* é o primeiro romance de Edivaldo Rodrigues, publicado em 2003. O romance narra a saga dos frades dominicanos em Porto Nacional, principalmente, na época da construção da Catedral Nossa Senhora das Mercês. O escritor é jornalista e historiador português, dono de doze obras literárias, dentre elas, sete crônicas e seis romances. Basicamente, todos abordam histórias e estórias do cotidiano da Cidade de Porto Nacional. De acordo com o autor, a obra nasceu com o intuito de registrar à narrativa que envolve a construção do referido templo, pois alguns anos atrás, um grupo de estudantes estava pesquisando grandes templos católicos construídos no antigo norte goiano, passando por cidades como Arraias, Conceição, Natividade, coletando informações. Quando chegaram em Porto Nacional, tiveram dificuldade em encontrar histórias ou fontes que abordassem a narrativa de construção do referido templo. Por essa razão, o autor alega resolver fazer uma pesquisa para contar esta história.

Ainda, numa palestra ministrada no ano de 2020, na semana da cultura de Porto Nacional -TO, o autor afirma que, no primeiro momento, ele queria escrever um livro de cunho histórico pautado pelo rigor científico, todavia, foi aconselhado por um amigo para não optar pelo viés do discurso histórico, devido à falta de pesquisa aprofundada sobre o assunto, conselho que ele acatou. Mesmo tendo levantado a pesquisa no Museu Histórico e Geográfico de Goiás e Associação Brasileira de Imprensa no Rio de Janeiro sobre narrativas da construção do referido templo, o autor resolveu escrever um romance. Por nascer no contexto referido e com o seu propósito inicial é evidente que *Pedras de Fogo* transita entre factual e ficcional de uma forma diferente, contendo assim muitos elementos fidedignos à história oficial. Como afirma Juarez Filho, no prefácio do referido romance,

O escritor tinha elementos suficientes para escrever um livro de história propriamente dito, possuía na linguagem, a tiracolo, subsídios preciosíssimos para se firmar, definitivamente, como um grande historiador tocantinense, ombreando-se com as figuras exponenciais de um Otávio Barros, Liberato Póvoa, Durval Godinho, Osvaldo Póvoa, Ana Braga, dentre outros que militam ou militaram nessa seara do conhecimento humano. No entanto, ele fez opção pelo romance, um gênero encantador, e acaba de filiar-se ao seleto grupo dos melhores romancistas de nossa grei querida – O Tocantins! (RODRIGUES, 2007, p. 11-12).

Assim, o presente trabalho propõe discutir a relação entre Literatura, História e imaginário, no romance *Pedras de Fogo*, de Edivaldo Rodrigues. Pretendemos analisar como a referida obra reúne tanto o factual, quanto o ficcional na sua construção. O romance em análise, como dissemos anteriormente, aborda a construção da Catedral Nossa Senhora das Mercês, em Porto Nacional. Por ser um acontecimento/fato histórico narrado num romance, é evidente que a obra tem uma característica que reúne a Literatura e a História. A intenção é compreender como essas duas áreas de conhecimento entrecruzam-se na referida obra, e como o romance estabelece a relação entre elas, aproximando-as ou distanciando-as.

O meu interesse em conhecer a história ou narrativa que envolve a construção da Catedral Nossa Senhora das Mercês surgiu desde a minha chegada à cidade de Porto Nacional, pois a referida igreja é um dos monumentos mais importantes do Estado do Tocantins, sendo o mais importante da cidade de Porto Nacional.

A relevância deste trabalho dá-se à medida em que o romance é a única obra literária que aborda a temática e narrativas que envolvem a construção da Catedral Nossa Senhora das Mercês. Portanto, estudá-la é indispensável uma vez que permite desvendar histórias e estórias que envolvem a construção desse grande monumento da cidade, podendo, dessa maneira, contribuir para o conhecimento da história local.

Na obra, o autor reuniu a peculiaridade do discurso literário à pesquisa histórica dos acontecimentos, constituindo uma narrativa literária aportada, consideravelmente, nos fatos/

eventos históricos ocorridos na cidade, recorrendo ao imaginário como elemento subsidiário na construção da narrativa, principalmente, nas histórias fictícias que retratam a decadência dos coronéis Afrânio Bezerra e Antero Casa Maior.

Conexões entre a literatura e a história

Falar da relação entre Literatura e História é refletir sobre a semelhança e ao mesmo tempo a diferença, pois ao longo do tempo, as duas áreas de conhecimento vêm sendo tratadas dessa forma, ora como campos aproximados, ora como disciplinas distintas, isto é, as fronteiras entre discurso histórico e literário são tênues. Mesmo com essas fronteiras delicadas, cada qual traça o seu caminho em busca de um escopo específico, como afirma Júlio Pimentel Pinto (2010)¹.

A questão é, que desde Aristóteles, história e ficção se avizinham, mas os compromissos de uma e outra são distintos. Da ficção, se espera o uso sistemático da imaginação, e, caso de romance, em geral um compromisso com a verossimilhança; da história, se pretende a verdade. Não chegaremos a ela, mas podemos pleitear uma verdade possível que a documentação e os dados conhecidos permitem (PINTO, 2010, s/p).

A maior proximidade estabelecida entre a Literatura e a História pode ser percebida na Grécia antiga, uma vez que neste período, a diferença entre factual e ficcional era difícil de ser compreendida, como afirma Brizotto (2011, p.5), “na Grécia, os escritores gregos e seu público não estipulavam uma linha divisória entre história e ficção, tal como os historiadores fazem hoje”. Percebe-se que entre aproximação e distanciamento envolvendo a Literatura e a História na Grécia antiga predominava a aproximação, como ressalta Bastos (2007) apud Brizotto (2011, p. 4),

A ligação entre literatura e história é muito antiga. Já a *Iliada*, que se supõe ter sido escrita por Homero no século VIII ou IX a.C. e marca o início da própria literatura ocidental, combinava mito e história.

A relação mencionada não se sustenta somente na aproximação como afirmamos anteriormente, houve também o período do distanciamento, ou seja, período em que a História buscou-se distanciar da Literatura. Conforme Brizotto (2011, p.4, “o distanciamento entre a História e a Literatura tornou-se visível no século XIX, momento em que a primeira se desenvolveu como ciência”.

A busca da História para se tornar uma ciência a distanciou da Literatura, pois o historiador tenta se desvincular da liberdade criativa e ficcional da obra literária, em busca de registro de fatos do passado. Este distanciamento não perdurou por muito tempo, porque uma nova perspectiva da História viria novamente a encurtá-la. Conhecida como História Nova, essa vertente da história passou a valorizar a antiga relação estabelecida entre a Literatura e a História, isto é, a relação de proximidade. Os historiadores vinculados a esta corrente observam benefício recíproco entre as duas, a Literatura e a História. Para esses autores, muitas obras literárias podem apresentar a potencialidade de um documento histórico, na medida em que reportam um acontecimento histórico de uma época. Particularmente, o romance *Pedras de Fogo* representa muito bem as obras literárias que contêm elementos importantes que podem subsidiar uma análise histórica.

É claro que há ressalvas na maneira em que se toma uma obra literária como fonte ou

¹ Júlio Pimentel Pinto é professor no departamento de História da Universidade de São Paulo e autor, entre outros, de *A leitura e seus lugares* (2004, Estação Liberdade).

documento histórico para apreender a realidade de uma determinada época, pois a literatura não tem como base a busca do “real”, e sim a verossimilhança. No entanto, nela pode conter algumas informações que representam uma dada realidade, tais como: costumes, práticas, conflitos, entre outros, que podem subsidiar na reconstrução e entendimento da época retratada pelo autor.

Mesmo com a liberdade criativa e ficcional do autor, e sem pretensão de abordar a realidade, a obra literária não se desvincula totalmente do real, isto é, a realidade social proveniente da sua criação deixa a sua marca nela, como afirmam os autores a seguir.

Por mais que a obra de arte esteja relacionada ao prazer e seja fruto da imaginação e da criatividade, há outro elemento que a caracteriza: seu condicionamento ao contexto histórico e social em que o produtor está inserido e do qual não sai ileso. Esse elo com a realidade é o que permite transformar um texto literário em documento para estudar a História, a Educação e outros aspectos da sociedade. Seu vínculo com o real, no entanto, não deve ser confundido com mera reprodução do cotidiano, porque, embora seu material de composição seja a linguagem verbal, o modo de manejar a diferença da linguagem “normal” (NUNES; FIALHO; MACHADO, 2016, p. 796).

Percebe-se que a Literatura poderá ser uma aliada importante para a História, na sua liberdade de escrita permitindo ou possibilitando ao historiador o alcance significativo dos aspectos da realidade que são silenciados ou que passam despercebidos. A Literatura, devido à liberdade intrínseca da sua construção, abarca as possibilidades interpretativas do real, ampliando-as como ressalta o fragmento seguinte.

A literatura é uma fonte especial e privilegiada para o historiador, porque lhe dá acesso ao imaginário, proporcionando pistas, traços e uma leitura plural decorrente de sua linguagem polissêmica, metafórica, sensível e sensibilizadora (PASAVENTO, 2006 apud NUNES; FIALHO; MACHADO, 2016, p. 797).

O romance *Pedras de Fogo* consegue trazer pluralidades de histórias e estórias que envolvem a construção da Catedral, pois mesmo tendo o seu foco centrado nesse acontecimento (construção do templo) não ignora, nem isola acontecimentos a sua volta, pois aborda, concomitantemente, a construção da Catedral, a vida na cidade, a decadência política dos coronéis entre outros, permitindo assim a abrangência de várias nuances que envolvem a narrativa.

Tanto a Literatura quanto a História são narrativas subsidiadas no real para, desse modo, se constituírem. No entanto, a forma que abordam o real é distinta, e os propósitos também são diferentes, como mostram os autores a seguir.

Enquanto a História busca a verdade e procura narrar, de forma organizada, o fato tal como se deu, a Literatura imagina o que aconteceu ou poderia ter acontecido e, mediante um discurso imagético, esforça-se para revelar uma concepção de realidade de tal modo que seja verossímil. Diversamente da História, a Literatura não busca a verdade, mas a verossimilhança, isto é, aquilo em que é possível se acreditar (NUNES; FIALHO; MACHADO, 2016, p. 802).

Percebe-se que a Literatura e a História por terem suas construções atreladas ao real, são formas narrativas de conhecer o mundo. Conhecimento este que cada um apresenta da sua forma. Portanto, a relação existente entre ambas, pode ser interpretada como de proximidade e de completude, na medida em que apresentam duas formas de conceber o mundo, que não necessariamente se excluem, mas sim, na maioria dos casos, se complementam e ampliam as nossas possibilidades de fazer leituras dos assuntos que abordam, como é caso do romance *Pedras de Fogo*.

Pedras de fogo

O romance *Pedras de Fogo*, de Edivaldo Rodrigues, foi escrito em 2003, e em 2007 o autor lançou a segunda edição. O livro possui doze capítulos, a saber: A longa travessia; Porto Nacional e seus coronéis; Duas reuniões distintas; A Pedra Fundamental da Catedral; O início das Obras; Triplo assassinato; A retomada das obras da Catedral; Amor impossível; O sofrimento de coronel Antero; A grande festa de inauguração da Catedral; Sangue nas escadarias da Catedral e O acerto de contas.

Em cada capítulo, a narrativa é deslocada para um foco específico, ressaltando as peculiaridades que envolvem a construção da Catedral. Todavia, o romance apresenta dois eixos principais que se fixam na narrativa de forma transversal, são estes, a movimentação na construção da Catedral Nossa Senhora das Mercês e a disputa pelo poder político, de mando, na cidade, por parte de dois personagens, os coronéis Antero CasaMaior e Afrânio Bezerra.

No romance *Pedras de Fogo*, a narrativa começa com a formação da cidade de Porto Real do Pontal e posteriormente narra a chegada dos religiosos dominicanos. Em seguida o autor por intermédio do narrador relata a tradição familiar dos dois coronéis citados Antero e Afrânio. Seguindo a narrativa, o autor aborda duas reuniões distintas para discutir a construção da Catedral, pois os dois coronéis não frequentavam o mesmo ambiente simultaneamente. Após as reuniões, ficou acertado a construção do templo com apoio imediato do coronel Afrânio, e sem apoio de coronel Antero. Logo depois, começou a obra.

Após quatro anos de início da obra, houve um triplo assassinato envolvendo autoridades da cidade, o prefeito, o delegado e o presidente da câmara municipal, a mando do coronel Antero CasaMaior, por razão das vítimas terem desrespeitado a honra da família dele numa conversa no Bordel da cidade. Alguns meses depois do assassinato, a obra da Catedral foi retomada.

No capítulo VIII, o narrador relata um amor impossível, envolvendo o filho do coronel Antero CasaMaior, Rubião, e a mulher do coronel Afrânio, Amália Parreira, cujo romance culminou no assassinato do jovem Rubião. Novamente o acontecimento paralisou o andamento da obra da Catedral. Com o assassinato de Rubião, o narrador relata o sofrimento de coronel Antero e a tensão duradoura entre as duas famílias de coronéis, que só acalmou quando o coronel Antero foi levado para sua fazenda por motivos de saúde, pois passou muitos dias sem se alimentar, adequadamente, devido ao ódio do coronel Afrânio.

Depois que o coronel Antero foi retirado da cidade, a obra do templo foi retomada e, no capítulo X, o narrador relata a grande festa de inauguração da Catedral. Após a inauguração, houve outro assassinato, mais uma vez, a mando de Antero. Desta vez, foi um dos religiosos dominicanos, frade Alfredo Alfredees, por ter-se envolvido, amorosamente, com a filha do coronel Antero CasaMaior.

O autor fecha o romance com o capítulo denominado “o acerto de contas”, no qual, o narrador relata a morte do coronel Antero CasaMaior, a mando do coronel Afrânio e a suposta morte do próprio coronel Afrânio pela Dona Margarida, mulher do coronel Antero, libertando, assim, a cidade de uma disputa política de duas famílias que imaginavam estar acima da lei local, abrindo a cidade para novos ares, a partir da morte dos dois coronéis.

Pedras de fogo entre a literatura, história e imaginário

O romance *Pedras de Fogo* aproxima História e Literatura. Se houvesse uma pesquisa mais aprofundada, o autor até poderia adotar o discurso histórico, mas preferiu adotar o discurso literário. Essa escolha certamente deu-se, na medida em que o discurso literário apre-

sentava a capacidade extraordinária de reportar os acontecimentos, permitindo a liberdade e possibilitando múltiplicidades de olhares, como sugere o autor,

[...] a literatura cumpre um papel de suplência em relação à historiografia, conseguindo, às vezes, dizer o *abjeto* (para utilizar um termo evocado por Márcio Seligmann-Silva, 1999), conseguindo nos entregar aquela verdade nefanda e *inter-dita* que o relato ou a crônica dos acontecimentos não podem e, talvez, não devem dizer: que História seria, com efeito, aquela em que o autor manifesta o seu horror ou a sua comoção diante de fatos que ele deveria, em princípio, apenas relatar de forma lógica ou até “apática”? (FINAZZI-AGRÒ, 2014, p.182).

A realidade, muitas vezes, pode ser complexa e surreal de maneira que possa ser de difícil compreensão. Assim sendo, para reportá-la, alguns discursos podem apresentar limitações, como é o caso do discurso histórico. Os múltiplos olhares presentes na obra *Pedras de Fogo* narrados pelo viés do discurso histórico, provavelmente não conseguiria o alcance produzido pelo discurso literário.

Percebe-se que a História ao atuar como ciência tende a nortear-se por algumas regras metodológicas. Dessa forma, perde a sua capacidade de narrar o inesperado; o seu rigor científico atua como bloqueio na liberdade de criação, pois tende a ser orientado por mecanismos científicos na busca da verdade. Por outro lado, a Literatura proporciona liberdade a todos, não só de relatar livremente o que aconteceu, como também, permite-nos imaginar o que poderia ter acontecido, e é por meio dessa profundidade e liberdade, que se torna possível a representação e a narrativa ampla do acontecimento, como pode ser verificado no romance *Pedras de Fogo*.

Na concepção de Finazzi-Agrò (2014, p.180), somente na dimensão ficcional, e somente no âmbito da Literatura, podemos surpreender o *nefas* (grifo do autor) habitando nas dobras da História oficial, chegando assim a entrever aquele *interdito* (grifo do autor) que consecutivamente diz-se na defasagem e/ou na ocorrência entre duas versões contrapostas do mesmo acontecimento. Essa capacidade da literatura pode ser percebida no romance em questão, isto é, por meio do discurso literário, visto que aportado na ficção, o autor dispõe de liberdade criativa, proporcionando assim, mais recursos para narrar nuances que envolvem a construção da Catedral. Assim, apesar de se ser fato histórico, esse acontecimento não deixa de habitar o imaginário do povo da localidade, produzindo assim, várias perspectivas. Portanto, qualquer narrativa que exclui esse imaginário, certamente perde a riqueza, ou seja, deixa de fora outros dizeres e olhares sobre o assunto.

A abrangência do discurso literário possibilitou ao romance dividir-se em dois eixos norteadores, além de retratar a construção da Catedral Nossa Senhora das Mercês, ainda evidencia a forma como a política era conduzida àquela altura nos interiores do Tocantins, antigo Norte goiano, calcada no coronelismo, representado no romance pelos personagens de Antero e Afrânio.

Talvez, pelo fato de o autor ser um historiador, o romance busca estabelecer uma aproximação significativa com História oficial, mesclando os relatos históricos e o imaginário do povo local. A obra em vários momentos introduz personagens reais reconhecidas historicamente, como é o caso de Felix Camoa, D. Pedro I, Durval Godinho, Dom Cláudio Ponce de Leão entre outros. Também podemos perceber no romance a utilização de datas oficiais reconhecidas historicamente, como por exemplo, 13 de julho de 1861, data da emancipação da cidade de Porto Nacional.

A abertura do romance é repleta de acontecimentos e informações que marcam a história oficial do Brasil, em especial, Porto Nacional. Como afirma o autor acerca da cidade,

Com essa estrutura, era certa a evolução administrativa do

lugar. E foi isso que ocorreu, por força de lei provincial. A 14 de novembro de 1831, ano em que D. Pedro I abdicou ao trono, o julgado de Porto Real foi elevado à categoria de Vila. Nasceu, assim, a já movimentada Vila de Porto Imperial (RODRIGUES, 2007, p. 19).

Observa-se que o autor utilizou no romance a data oficial em que D. Pedro I abdicou ao trono. Essa marca é recorrente na narrativa, em alguns momentos do romance, quando os fatos colocados são literalmente históricos, isto é, acontecimentos reais envolvendo a história da cidade, como é o caso da mudança de nome da cidade para Porto Nacional. Assim diz o narrador,

Após a contagem evolutiva de trinta anos da instalação de Vila Porto Imperial, exatamente em 13 de julho de 1861, por determinação da resolução provincial nº 333, assinada por José Martins Alencastro, presidente da província de *Goiaz*, nascia ali a cidade de Porto Nacional (RODRIGUES, 2007, p. 19).

Nota-se como a História e a Literatura estão imbricadas no romance. No outro eixo narrativo do romance que abordamos anteriormente, que evidencia a disputa, de mando na cidade, envolvendo os coronéis Antero e Afrânio, é interessante observar a construção narrativa desses personagens.

Na construção desses personagens, o narrador apresenta coronel Antero como mais carrasco e mais temido em relação ao Afrânio. O curioso é que os dois têm o mesmo advogado, chamado de Dr. Belmiro. A narrativa gira em torno do advogado, pois todos os acontecimentos da cidade são de conhecimento dele, principalmente os assassinatos que ocorreram na cidade.

Acreditamos que, como o Belmiro é advogado e representa os dois coronéis, e consequentemente, eles mandam e desmandam na cidade, por essa razão, o autor por intermédio do narrador coloca-o a par de tudo o que acontece na cidade, pois não poderia ter nenhum acontecimento na cidade de desconhecimento dos coronéis que se comportam como donos da cidade. Portanto, o advogado passa a ser o centro da narrativa, e todo o acontecimento do local passa pelo conhecimento dele para reportar posteriormente aos mandantes da cidade.

Apesar de o romance ter como foco narrar a construção do templo religioso, outros acontecimentos da cidade não ficam em segundo plano, pois o autor consegue abordar os fatos concomitantemente, possibilitando assim, a contemplação de várias perspectivas que cercam a construção da Catedral. Essa capacidade é inerente ao discurso literário, como nos demonstra Finazzi-Agrò, (2014, p. 188), a literatura tem um papel centrado na dualidade, habitando instâncias opostas. Desse modo, consegue exprimir o inexprimível, sem que isso prejudique a função testemunhal dos textos.

Considerações Finais

A relação que envolve a História e a Literatura na construção do romance *Pedras de Fogo* é muito densa e foi estabelecida de forma diferente. A obra não apresenta simplesmente um discurso literário subsidiado nos acontecimentos históricos, mais sim, podemos considerá-la uma obra histórica com aporte literário, isto é, uma parte é constituída de relatos históricos sustentados por dados oficiais, como datas, eventos, entre outros, e conta com uma parte romanceada. Essa é a forma peculiar da escrita do autor, o que pode ser percebido na maioria de suas obras.

Confrontamos as informações históricas contidas no romance sobre a origem da cidade hoje conhecida como Porto Nacional com as informações existentes na dissertação de Mestrado em História, de Maria de Fátima Oliveira, sendo encontradas praticamente as mesmas informações no que diz respeito ao surgimento do povoado de Porto Real. Isso demonstra a

fidelidade com que o romance aborda os acontecimentos históricos. No romance *Pedras de Fogo*, o autor relata que o povoado de Porto Real de Pontal teve origem em meados de 1738, e abrigou um corajoso desbravador de origem Portuguesa chamado Felix Camoa, que explorava o transporte de passageiros entre as duas margens do Tocantins.

Encontramos também uma passagem na dissertação de Oliveira (1997) que retrata o surgimento de Porto Real, a perspectiva dessa autora vai ao encontro da abordagem do romance. Segundo Oliveira (1997), o arraial de Porto Real teve sua origem ligada à existência de dois povoados onde se instalaram dois núcleos mineratórios, Bom Jesus do Pontal (1738) e Nossa Senhora do Carmo (1746). Cada uma se encontrava numa margem do rio Tocantins (Bom Jesus à esquerda e Nossa senhora do Carmo à direita), e havia um passador instalado num ponto estratégico, com sua canoa, fazendo travessia entre os dois povoados. Ainda, segundo a autora, Godinho afirma, que o referido passador se chamava Felix Camoa, descendente de portugueses.

Comparando estas duas passagens do romance e da dissertação, fica evidente, mais uma vez, a forma fidedigna com a qual o romance aborda os acontecimentos históricos. Percebe-se que o ano, exploração da travessia do rio, personagens, são similares. Esses aspectos são evidenciados, reiteradamente, na obra. Isto é, o autor utiliza-se de personagens reais e fictícias na construção do romance, porém, em muitos momentos foram preservadas as figuras das personagens reais, bem como as datas históricas.

Também podemos perceber a convergência do romance e da dissertação no que se refere à informação da chega dos frades dominicanos na cidade de Porto Nacional. Na dissertação. Oliveira aborda essa chegada de seguinte maneira,

O primeiro elo surgiu com a leitura do relato do já mencionado missionário dominicano, Fr. Michel L. Berthet, de 1883, sobre uma viagem de missão ao norte, em companhia do então bispo de Goiás, D. Cláudio Ponce de Leon. Provavelmente, em decorrência dessa viagem os dominicanos estabeleceram-se na cidade de Porto Nacional três anos mais tarde (OLIVEIRA, 1997, p. 13).

Essa informação também apareceu no romance, no qual, o autor aborda a importantíssima chegada dos dominicanos em Porto Nacional, acontecimento que mudaria o destino da cidade e a colocaria como um dos grandes centros educacionais e religiosos do país, naquele período. No romance, o narrador relatou a chegada dos dominicanos, da forma a seguir:

Por articulação de Dom Cláudio Ponce de Leão, que ao ser nomeado Bispo de Goiás em 1880, e que por isso foi obrigado a ir a Roma para ser sagrado, e por estar no velho continente usou da oportunidade e se deslocou até solo francês, onde pediu aos filhos do São Domingo para que o ajudassem na evangelização de sua região. Pedido foi aceito. [...] os primeiros missionários chegaram a estas terras em 20 de outubro de 1886, oriundos da França, mais precisamente do Convento Medieval de São Maximin, cidadezinha daquele país onde eles se instalaram desde o ano de 1.201 (RODRIGUES, 2007, p. 20).

Percebe-se que as informações contidas na dissertação que é um trabalho acadêmico com rigor científico se assemelham bastante com a perspectiva abordada no romance, razão pelo qual, consideramos *Pedras de Fogo* como obra que estabelece a relação entre a Literatura e a História de forma singular, mesclando o factual rigorosamente representado e o ficcional.

A peculiaridade do romance nos desperta a sensação de que há mais discursos na ordem de narrativas factuais do que ficcionais. Factuais não somente no sentido de correspon-

dência, mas também no sentido do real constructo de imaginário popular. A obra em questão, apesar de adotar o discurso literário, no qual, o autor teria toda a liberdade criativa na construção, percebe-se que o mesmo (ele) não abusou dessa liberdade, pois o romance se delineou percorrendo caminhos históricos ressaltando com fidelidade muitos acontecimentos, personagens e datas importantes.

Portanto, em *Pedras de Fogo* a História e a Literatura se complementam, as fronteiras entre os dois foram rompidas, por esta razão, acreditamos que o romance pode servir de base para uma pesquisa histórica, pois além de retratar alguns acontecimentos históricos de forma fidedigna, possibilita também as multiplicidades de olhares, contemplando assim, várias narrativas, inclusive populares, preservando muitos acontecimentos da história oficial. Assim sendo, não seria um exagero considerar o romance *Pedras de Fogo* como um livro de História com certa pitada ficcional.

Referências

BRIZOTTO, Bruno. **O entrecruzamento entre história e literatura: o caso de “Lenço encarnado”**. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistaideias/arquivos%20pdf%20revista%2027/o%20entrecruzamento%20entre%20historia%20e%20literatura.pdf>. Acesso em: ago. 2020.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. (2014). *(Des)memória e catástrofe: considerações sobre a literatura pós-golpe de 1964*. In: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº 43, p. 179-190. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S231640182014000100010. Acesso em: ago. 2020.

NUNES, Maria Lúcia da Silva; FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACHADO, Charliton José dos Santos. **Reflexões em torno da relação entre História e Literatura**. In: *Questio*, Sorocaba, SP, v. 18, n. 3, p. 793-805, 2016. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/2853>. Acesso em: ago. 2020.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. (1997). **Um Porto no Sertão: Cultura e cotidiano em Porto Nacional 1880/1910**. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/OLIVEIRA__Maria_de_F_tima._1997.pdf. Acesso em: set. 2020.

PINTO, Júlio Pimentel. **De história e de ficção Verdade e imaginação são os compromissos do historiador e do escritor, respectivamente; muitas vezes suas fronteiras tênues ocasionam equívocos para ambos**. Disponível em: <https://ateliadedehistoria.blogspot.com/2010/04/o-historiador-e-o-seu-oficio.html>. Acesso em: 04 fev. 2021.

RODRIGUES, Edivaldo de Souza. **Pedras de Fogo**. Porto Nacional: Editora: Martmonter, 2007.

Recebido em 06 de setembro de 2021.

Aceito em 27 de setembro de 2021.